

*Narrativas da imigração de retorno*¹

Recebido em 26-06-2013
Aceito para publicação em 27-11-2013

15

*Maria Cristina Dadalto*²

*Isabel Cristina Carpi Girão*³

Resumo: A construção deste artigo é tecida a partir do método da História Oral, com suporte na Teoria das Representações Sociais, tendo como base narrativas de brasileiros testemunhos da história do presente (e/i)migratório para a Itália. O objetivo é compreender o imaginário das novas gerações descendentes de imigrantes italianos assentados no estado do Espírito Santo que fizeram um duplo percurso: o da emigração à Península Itálica e de retorno à terra natal. Tem como instrumento analítico entrevistas e a produção imagética, realizada por meio de desenhos construídos pelos entrevistados. Conclui-se que há uma identificação e zelo extraordinário para preservar a representação de uma Itália idilizada, que é contraditória e conflitante com a experiência do roteiro (e/i)migratório.

Palavras-chave: representações sociais; imigração; emigração; história oral.

¹ Este artigo é resultado parcial de pesquisa realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2012.

² Professora dos Programas de Pós-Graduação em História e em Ciências Sociais da UFES. Coordenadora do Laboratório de Estudos Migratórios (LEMM).

³ Professora da Universidade Vila Velha, ES. Pesquisadora do Laboratório de Estudos Migratórios (LEMM).

1. Os indícios do percurso

É o presente que polariza o acontecimento em história anterior e história posterior.

Walter Benjamin.⁴

Para Walter Benjamin os sonhos, na medida em que dialogam com a realidade, servem como instrumentos de interpretação dialética. Assim, considera necessário interpretar os sonhos da coletividade de uma determinada época para que se busquem os rastros, os sinais, de maneira a se tornar possível interpretar o presente no qual esses sonhos se referem. Nessa direção, pondera que é na interseção entre a história coletiva e a individual que os conteúdos dos sonhos são transmitidos. Ao utilizar a citação de Jules Michelet: “Cada época sonha com sua época seguinte”,⁵ Benjamin (2006) enfatiza esse conceito, refletindo que as experiências, assentadas no inconsciente da coletividade, interpenetram-se com o novo, gerando a utopia.

Na trilha de Benjamin, eis a proposta deste artigo: analisar a dinâmica da redescoberta da Península Itálica feita por brasileiros que, ao realizar a emigração de retorno, encontram na modernidade presente um significado especial. Um roteiro de busca que, segundo Bloch (2005), se manifesta em determinadas épocas históricas. Em nosso esquadramento desse caminho, a compreensão de que a memória é uma construção histórica, sociocultural, psicanalítica, coletiva e individual. A orientar nossa trajetória, o imaginário coletivo e individual constituído nas relações de parentesco de descendentes de imigrantes italianos nascidos no Espírito Santo, bem como aquelas relações estabelecidas por meio dos contatos com vizinhança e com amigos. Não obstante, relevando o fato de que passados mais de cem anos da grande onda imigratória do século XIX, são várias as mudanças sociais, econômicas, demográficas, culturais realizadas tanto no Brasil como na Itália.

⁴ Benjamin, 2006, p.513.

⁵ *Ibid.*, p.505.

O que surge no presente emigratório é uma realidade cuja linguagem encontra domínio na modernidade tardia, com suas instituições, sua heterogeneidade, sua complexidade e densidade. Nesse contexto, há permanências e discontinuidades, tanto promovidas por ítalo-brasileiros quanto por italianos, resultantes do acúmulo de conhecimentos produzidos num território e noutra. Um presente, assegura Beneduzi (2009), no qual as experiências passadas se assentam como um ponto de intersecção com a expectativa de futuro, entre recordações e esperanças.⁶

Neste sentido, a análise deste artigo é tecida a partir do método da História Oral, com suporte na Teoria das Representações Sociais, tendo como alicerce narrativas de brasileiros testemunhos da história do presente (e/i)migratório para a Itália. O objetivo é compreender o imaginário constituído sobre a Itália, na experiência das gerações de descendentes nascidas no estado do Espírito Santo e que fizeram o duplo percurso: emigratório para a Itália e de retorno para o Brasil, nos últimos 30 anos.

A hipótese que sustentamos é que a imagem da Itália tecida pelos imigrantes representa um caso particular na memória e na representação de seus descendentes. Esta peculiaridade contribui, modo geral, para orientar uma percepção desse descendente como um “italiano” ao elaborar um projeto de emigração de retorno à terra de seus antepassados.

Os indícios dessa representação apresentam-se como resultados históricos concretos, tanto nas concepções duradouras como nas percepções fugazes. Uma vez que grande parte desses (e/i)migrantes, em momentos variados, ouviram ou leram as narrativas de seus antepassados sobre um passado na Itália. São histórias principalmente sobre as províncias de Verona, Treviso e Vicenza, da Lombardia, da Emilia-Romagna, do Piemonte e de Trento – regiões que concentram a maioria dos imigrantes italianos vindos para o Espírito Santo. Estudos realizados por Castiglione (1989) indicam que a maioria absoluta dos italianos localizados no estado veio com a família. Predominavam grupos constituídos em média de 4,4 pessoas, variando desde bebês a avós, agregando-se ao núcleo tradicional, parentes, afilhados e amigos.

⁶ Para esta ponderação, Luíz Fernando Benezuzi (2009) cita Cartroga, Fernando (2001). “Memória e História”. In: Pesavento, Sandra (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, pp.43-70.

2. A construção da representação

Em Benjamin (1989) a história é “objeto de uma construção, cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio”,⁷ mas sim um contexto determinado por uma época, uma vida, uma obra. Portanto, sua unicidade não reconta o vivido, mas pode ter seu conteúdo resgatado pelas gerações seguintes, possibilitando transformações sociais. Assim, ao realizar suas análises sócio-históricas e filosóficas, Benjamin recorre a Freud, que, por sua vez, buscava mostrar como as representações passam do coletivo para o individual e como o social intervém na representação individual. Ou seja, Freud (1976) procurava indicar como o trabalho de interiorização transforma o coletivo em individual e forma a pessoa.

Tal proposição freudiana é fundamental para que Serge Moscovici, entre 1961 e 1976, a propósito do fenômeno da socialização da psicanálise na França, elabore a teoria das representações sociais com vistas a entender como se fundamenta a construção do saber prático no cotidiano dos indivíduos. Para isso, utiliza-se das teorias de Piaget e de outros teóricos, além de Freud.

Assim com Piaget, Moscovici entende que o pensamento se estrutura e se configura: 1) por imagens e também por corte-e-cola, juntando partes do que já é conhecido para dar sentido ao que se desconhece; 2) por meio do julgamento moral, inicialmente no contato com os adultos e com outras crianças; e, 3) no desenvolvimento de apreciações do que é certo e errado, necessário à construção de regras (Arruda, 2002). Todavia, Piaget estava preocupado com os aspectos lógicos e biológicos do desenvolvimento e, portanto, essa abordagem precisava ser estendida.

Já em Freud, Moscovici (1976) estrutura o aspecto individual e a apreensão social das representações. O que significa compreendê-las como um processo que intercambia a construção de uma ideia e a percepção dela engendrados reciprocamente. É por meio da percepção que se interpreta uma imagem e para que isso ocorra. E para isso, é necessário recuperar o objeto, dar-lhe concretude icônica, figurá-lo e torná-lo tangível. Isto porque, é possível conceber uma ideia dando-lhe sentido e simbolizando-a. Ajuíza-se, portanto, que a

⁷ Benjamin, 1989, p.229.

construção desse saber prático, ou seja, a representação constituída fundamenta-se em dois processos que são como as faces de uma moeda: objetivação e ancoragem.

Segundo Jodelet (1984), a objetivação se dá em três etapas: a primeira, seleção e descontextualização – enxugamento das informações baseado em experiências prévias e em valores; já a segunda, recomposição imagética – o reordenamento da primeira fase num esquema figurativo; e a terceira, naturalização – tornar as fases anteriores em algo objetivo, tangível e natural. A função da ancoragem se refere ao processo que dá sentido ao objeto que se apresenta para nossa compreensão. Trata-se, esclarece Arruda (2002), da “maneira pela qual o conhecimento se enraíza no social e volta a ele. Como o sujeito procede recorrendo ao que é familiar para fazer uma espécie de conversão da novidade: trazer para o território conhecido, o desconhecido”.⁸

Assim, para Moscovici (1984), ancorar significa classificar e denominar. A classificação se dá pela escolha de um protótipo ou paradigma armazenado na memória, que é comparado ao objeto a ser representado. Ao classificar decide-se sobre a semelhança ou a diferença em relação ao protótipo. Essa decisão implica numa atitude de normalização ou desvio para com o objeto ou com a pessoa. Já a denominação é a retirada do objeto do anonimato para dotá-lo de genealogia e incluí-lo num complexo de palavras específicas, localizando-o na matriz identitária da cultura. Assim, tanto a classificação como a denominação expressam um valor, uma posição hierárquica e, portanto, fundamentada na experiência sócio-histórica e cultural do indivíduo.

Partimos, assim, de uma perspectiva que une a Teoria das Representações Sociais ao conteúdo da memória – presente na narrativa dos entrevistados – para compreender o imaginário dos sujeitos da pesquisa. Contudo, devemos ter clara a advertência de Fausto (1997) ao assegurar que: “as lembranças citadas são também veículos de outras lembranças, de antepassados e de amigos já mortos. O veículo não é neutro, impregnando também as histórias ouvidas, com sua própria elaboração”.⁹

⁸ Arruda, 2002, p.136.

⁹ Fausto, 1997, p.09.

Desta forma, com vistas a apreender o imaginário do (e/i)migrante entrevistado optou-se metodologicamente por complementar a realização das entrevistas solicitando-lhes que produzissem um desenho. Esta figuração visa responder a seguinte pergunta: “após sua experiência (e/i)migratória, qual imagem você tem da Itália?”. Estima-se que o convite à execução de um desenho condiciona a existência de uma resposta e, assim, tentativas de transformações, ideias, falas, histórias familiares em coisas concretas e materiais. Permite, por conseguinte, conhecer a consciência, a atividade e a identidade de sujeitos situados social e historicamente envolvidos em tal dinâmica.

Contextura que envolve uma dupla dimensão, a de emigrante em sua terra de origem e de imigrante em seu novo destino – no caso específico, dos entrevistados desta pesquisa que fizeram o percurso de volta. Até porque, para Sayad (1998) é necessário entender as condições que engendraram o deslocamento em sua origem, como é preciso também analisar o significado desta mudança no espaço físico e qualificado: em seu sentido social, econômico, político, histórico e cultural. Dimensões que trazem, em si, a relação com o tempo, com a memória, com a nostalgia, de maneira a estabelecer enlace com a história imigratória dos antepassados dos atuais (e/i)migrantes. Lembrar que estar “no mundo humano é estar vivo à luz do sol, ver os outros e por eles ser visto, viver em reciprocidade, lembrar-se de si e dos outros”.¹⁰

Assim, para termos acesso e compreendermos a construção dessa narrativa buscamos trilhar um caminho metodológico que acreditamos possibilite conhecer como se ordena o processo de objetivação e ancoragem imerso nesse fluxo. Para tal, selecionamos a história de três entrevistados¹¹ que fizeram a trajetória de retorno à terra de seus antepassados e, anos mais tarde, voltaram para o Brasil. Na reflexão desse percurso perseguimos os rastros da fabricação das imagens do passado e do presente, procurando decifrar o que ela expressa no tempo atual.

¹⁰ Vernant, 2000, p.101.

¹¹ Todas as entrevistas foram realizadas no ano de 2012 e em conformidade com o Termo de Livre Consentimento. Esclarece-se que os entrevistados são nascidos no Espírito Santo, Brasil. Ademais, utilizamos nomes fictícios nas entrevistas.

No contexto desse processo, rememoramos que a partir de meados dos anos de 1980 centenas de milhares de brasileiros iniciaram um roteiro de imigração de retorno à terra dos antepassados europeus. Era, então, época que marcava um século da grande onda imigratória européia para o Brasil. Nessa tessitura, duas imagens se sobrepunham: uma, a de um país em crise financeira e na qual os jovens teciam planos de perspectiva futura num cenário de instabilidade econômica; e outra, de uma Europa rica, portanto, possível de realizar um projeto de vida. Anos depois, colhidos pela circularidade do processo histórico que se apresenta, os emigrantes retornam para a terra natal fugindo de crise que novamente assola os países europeus.

As dinâmicas da imigração e da emigração de retorno carregam consigo uma carga simbólica no processo de alteridade muito significativa para o indivíduo e para a sociedade de origem e de destino, e que participa – direta ou indiretamente – desse duplo movimento (Sayad, 2010). Isto porque, tanto para quem parte como para quem retorna há de se experimentar a mesma necessidade de dissolução da diferença constituída na mobilidade. Assim, apresentamos as narrativas de entrevistados que cresceram ouvindo de parentes e de conhecidos narrativas sobre os imigrantes italianos assentados no Espírito Santo do oitocentos, crescidos em zonas de forte influência de uma cultura étnica vinculada à terra de proveniência dos ancestrais.

Histórias contadas, portanto, por descendentes que se apropriam da epopéia imigratória e que assumem como familiares ações dos ancestrais, afirmando coloquialmente e em inúmeras oportunidades: “quando nós viemos da Itália”. Sujeitos que em determinado momento de sua trajetória decidiram refazer o caminho das “*nonnas*” e “*nonnos*” em direção às regiões do Vêneto e do Friuli Venezia Giulia e à província de Trento¹² e retornaram para o Espírito Santo e que residem em diferentes realidades geográfico-culturais do contexto do estado – entendidas como zona urbana e rural, cidades de grande, médio e pequeno porte.

¹² Segundo Tedesco (2008) as regiões norte e nordeste da Itália são as mais procuradas por trabalhadores brasileiros em razão de sua dinâmica industrial e agrícola, bem como pela maior identificação dos *oriundi*. O Vêneto lidera nesse sentido como espaço de atração.

3. Tão longe e tão perto

Antônio, 48, casado, natural de São Mateus, município localizado na região Norte do Espírito Santo, onde atualmente reside, emigrou para a Itália junto com a esposa em 1989 e lá permaneceu até o ano de 2008. Para ele, ser neto de imigrantes italianos e ter nascido numa família que mantinha a tradição de aos domingos, reunidos na casa dos pais, comer polenta cortada com fio de linha, tal como seus avós faziam quando vieram da Itália, era elemento essencial para identificá-lo como italiano:

... [quando] fui para Itália, eu estava naquele momento de incerteza de recém-casado e não tinha uma estabilidade financeira ainda boa, aí pensei assim: eu sou neto de italiano, porque não ir para a Itália? Aí, a partir desse momento decidi ter uma vida melhor na Itália e buscar minhas origens. A princípio eu fui sozinho, três meses depois minha esposa foi. Os primeiros dias e minha adaptação foram terríveis, porque na verdade eu fui com uma pessoa que tinha um irmão lá, aí, chegando lá, foi totalmente diferente do que nos foi passado, eu tive que ir para o albergue, pois não tinha onde ficar. Eu tive que deixar de me alimentar para pagar o albergue, o dinheiro foi acabando: acabando porque o custo de vida lá em relação ao do Brasil era bastante alto, e o que você ganhava aqui não tinha como se manter lá, estava perto do outono para o inverno e eu tinha de deixar de comer para pagar o hotel. Comer entre aspás, o que eu comia era sanduíche, assim, pão com leite, para me manter até conseguir um emprego. (Antônio).

No testemunho de Antônio, a Itália surge, em primeiro plano, representada como suporte no sentimento de pertencimento –“eu sou neto de italiano, porque não ir para a Itália?”– que não condizia com a realidade a ser encontrada, como bem reporta. Mas por sua vez, este sentimento traduz as estruturas cognitivas específicas de um grupo social, e que, com base nele, formam o conhecimento básico, partilhado e produzido socialmente na história do sujeito e cuja finalidade é conhecer e agir sobre o mundo, de forma a atender as necessidades cotidianas (Moscovici, 1976).

Estruturas cognitivas e sentimentos que não se apresentam muito diferentes para João:

Uma avó e meu avô são de lá [da Itália]. Às vezes [eles] conversavam alguma coisa de como que era o país, mas... No meu entendimento eu ainda não sabia nada. Ir [para a Itália] foi a forma de conhecer o país e ir trabalhar. Saber como são suas raízes, de conhecer a minha descendência, de onde veio meu avô... foi a forma de... mudar, de... tentar encontrar as raízes, de sair daqui do... Tentar na Itália, né, ter essa descendência. Neste momento eu tomei a decisão de ir sozinho, e cheguei lá, já tinha primos lá, tinha mais gente que já estava trabalhando... Foi fácil de entrar lá. (João).

No testemunho de João, nascido em Vitória, capital do Espírito Santo, a emigração para a Itália representa imaginariamente uma possibilidade de estar entre iguais de sangue, e, inclusive, de “tentar encontrar as raízes”. Tal representação também age no plano simbólico como possibilidade redentora de alcançar a justificativa de sua emigração, de sua busca por outra vida.

De modo geral, as narrativas de João e Antônio são recorrentes entre os ítalo-capixabas – testemunhas dessa pesquisa sobre imigração de retorno – e sinalizam sobre a dinâmica dos relacionamentos familiares de centenas de descendentes de imigrantes italianos, gerando um sentimento de pertencimento identitário. O que se justifica, conforme Woodward (2000), porque as identidades são construídas em momentos particulares no tempo, podendo evocar tanto o passado, através das origens, mitologias e fronteiras, quanto o presente, através da contestação e justificativa de alguns códigos culturais.

E, neste sentido, a base da construção imaginária de um futuro assentado num mundo de semelhança com o seu – que, contudo, não encontra correspondência com a realidade. Nele também estão guardados os afetos, os sonhos, os desejos e as frustrações de seus entes queridos que, distantes da terra natal, mantiveram nos hábitos alimentares, nos silêncios e nas histórias (re)contadas a experiência da infância, da juventude. Uma representação de si e da história, guardadas no baú da memória, à qual os descendentes dessa grande leva imigratória do século XIX acredita poder ser possível concretizar, no agora do movimento de retorno à Península Itálica.

Esse sentimento identitário é tão forte que mesmo Eduarda, uma jovem capixaba sem antepassados italianos, mas nascida na cidade de Nova Venécia – local com forte presença de descendentes de italianos –, e casada com um ítalo-capixaba, se apropria de alguns sentidos expressos por João:

[Fui para a Itália] porque meu esposo foi, porque na verdade a gente nunca tinha pensado em sair do Brasil, i. E... a irmã dele resolveu ir pra conhecer e tal, resolveu ficar lá, não quis voltar mais, e de repente, assim... De uma hora para outra meu esposo falou: “ah, eu vou”. Aí ele foi, e... criamos raízes lá, ficamos dez anos.... (Eduarda).

Na palavra ‘raízes’ Eduarda expressa a intersubjetividade presente no seu relacionamento com os nativos italianos, bem como a apreensão de um sentimento identitário – obtido também oficialmente por meio da cidadania, o que reforça esta pertença. Na narrativa de sua experiência, tem destaque o significado do aprendizado da língua e a obtenção da cidadania:

... No início quando a gente chega, a gente toma um susto, i, porque você se encontra fora do seu “habitar” natural. É... as pessoas falam com você, você não entende, mas... Depois de dois meses, em dois meses eu conseguia me virar sozinha. ... eu cheguei lá, eu não tinha documentos. Meu esposo estava em processo ainda pra pegar a cidadania, aí ele conseguiu vir para o Brasil, [...] e conseguiu fazer. Aí eu fiquei um ano sem documento lá, um ano ilegal. [...] quando ele deu entrada, já deu entrada com certidão de casamento e tudo, aí saiu automaticamente. [...] só que eu não corri atrás, não me preocupei, eu viajava com ele, ele tinha passaporte [...]... Com ele eu posso ir pra qualquer lugar. (Eduarda).

Nesse sentido, ao empreender essa análise verificamos que as representações se expressam na comunicação, na conduta e, sobretudo, na linguagem falada; portanto, ao tentar resgatar suas raízes a entrevistada busca conhecer a situação que a define como sujeito que produz o espaço constitutivo do seu eu, e que também fundamenta a representação da sociedade. Ou seja, conhecer suas condições de existência e produzir-se, recriando a si mesmo.

4. A imagem e a realidade

Para Passerini (2011), a “memória, de várias maneiras, clama por uma discussão dos limites entre realidade e imaginário, entre existente e possível.” Isto porque, para ela, “a confusão de imagens reais e sonhadas tem a ver em grande medida, com a consciência do sujeito”.¹³ E consciência é um produto subjetivo; é, segundo Leontiev (2004), o espelho da realidade refratada através do prisma das significações e dos conceitos linguísticos.

Moscovici ao alvitar a Teoria das Representações Sociais propôs um modelo que se estrutura na psicanálise e, por conseguinte, no inconsciente, no consciente, nas relações do inconsciente com o consciente e com a história do sujeito. Trata-se, portanto, de um modelo que objetiva buscar o sentido nas composições discursivas, uma vez que o inconsciente é estruturado como linguagem e sua verdade se situa entre o dito e o não dito.

Assim, a execução de um desenho e a nomeação do significado dessa figuração por parte dos entrevistados possibilita ao entrevistador capturar respostas, tentativas de transformar noções, ideias, falas, histórias familiares em coisas concretas e materiais. Ou seja, conhecer a consciência, a atividade e a identidade de sujeitos situados social e historicamente.

Nesse sentido, afirma Moscovici (1988), para enlaçarmos esse processo devemos nos utilizar de instrumentos de análise que privilegiem condições de certa metodologia das ciências sociais associados a conceitos psicossociológicos. Norteados pela hipótese da pesquisa e sustentados por dados teóricos da história, da psicanálise e da sociologia reuniram-se os dados sob um significado comum. Em seguida, foram agrupados em categorias que atendessem as condições de homogeneidade (reunião dos dados sob um mesmo aspecto), pertinência (grau de conexão com a hipótese e ao quadro teórico), fidedignidade (valor de confiabilidade da análise) e similitude (grau de proximidade do material as fontes teóricas). A partir de tais agrupamentos, construímos as análises.

Então, observamos como, para os três entrevistados, representar significa construir um conjunto de símbolos e imagens captados num determinado contexto e guardados na memória e, ainda, como tal construção é percebida na acepção da Itália. Nela, o sentido da

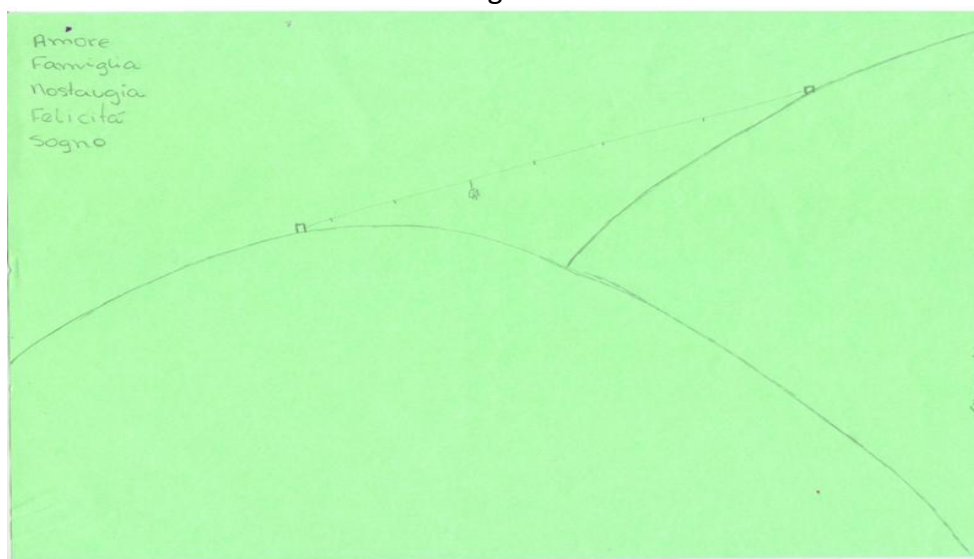
¹³ Passerini, 2011, p.44.

experiência imigratória é articulado a uma visão do imaginário arquitetado a partir da narrativa (re)elaborada ao longo das gerações – visão esta, produzida, segundo os entrevistados, nos encontros de família sobre a Itália dos antepassados e retratada nos desenhos.

Essa mesma concepção também se manifesta na nomeação e suscita um sentido de experiência refletido na atribuição de significados que se articulam a conceitos psicológicos básicos: atividade, consciência e identidade. Sendo, atividade entendida como base do conhecimento e pensamento do homem, pois ao agir e produzir o que necessita para sua sobrevivência atua sobre o mundo modificando e sendo modificado. Consciência psicologicamente caracterizada pela presença da relação interna entre significação social e sentido social, ou seja, expressão do modo como o ser humano se relaciona com o mundo objetivo – um certo saber.

E, por fim, identidade definida como denominação dada às ideias e sentimentos que o indivíduo desenvolve a respeito de si próprio, a partir do conjunto de suas vivências. Assim, símbolos e imagens são organizados com base nas experiências, e apresentados imagetivamente de modo simples e pueril. Tal configuração pode ser observada no desenho da entrevistada Eduarda (figura 1), no qual a Itália é retratada por meio de dois morros ligados por um fio.

Figura 1

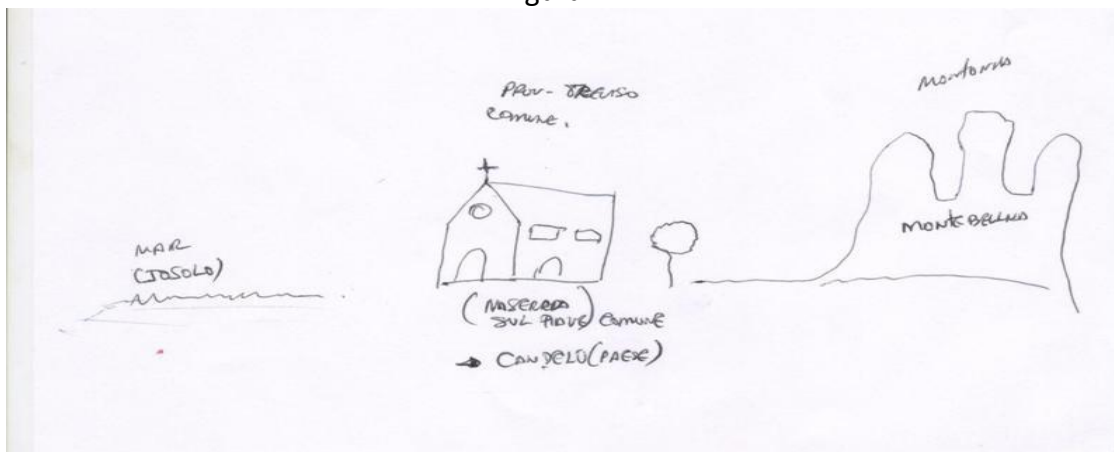


Fonte: Pesquisa de Campo realizada pelas autoras em 2012.

Como para representar é preciso se aproximar ou se afastar daquilo que se viveu – e como há duas experiências: a da vivência primária nas relações parentais com a família imigrada e a de imigrante – essas situações se anunciam em símbolos e conceitos que possam dar sentido a essas experiências. Logo, dois mundos, duas famílias e duas experiências se expressam imageticamente por meio de dois morros e uma ligação – umbilical-familiar-imigratória.

Embora em todos os desenhos dos entrevistados aqui analisados essa condição/ligação apareça, os símbolos utilizados não são os mesmos. Verifica-se a igreja como elemento imagético de representação de ligação nos desenhos de Antônio (figura 2) e de João (figura 3). No entanto, no desenho de Antônio (figura 2), o elemento central que faz a amarração é o mar, que aproxima as realidades e as vivências, numa clara referência à condição migratória e experiencial dos primeiros imigrantes.

Figura 2



Fonte: Pesquisa de Campo realizada pelas autoras em 2012.

Pesquisa realizada por Vilaça, Dadalto (2003) em 2001, com imigrantes, filhos e netos de imigrantes italianos assentados no Espírito Santo, verifica que a representação da travessia do Atlântico, no XIX, na memória desses descendentes é ambivalente: contém sonho e desesperança, alegria e choro, bonança e tormento. E, caso analisemos em termos nacionais e mundiais, constataremos o mar como marca simbólica daquele fluxo migratório. De tal forma que é comum afigurá-la com imagens dos milhões de italianos que aguardavam a partida nos portos genoveses e napolitanos.

Afinal, foi o momento em que 7,7 milhões de italianos partiram de sua terra; daqueles, 2,9 milhões para o Brasil (Klein, 1999). E o porto oferece os indícios do significado coletivo daquele projeto. Ressaltando que no navio, junto com as pesadas malas e baús, carregavam também suas tradições, atitudes, fé religiosa, fábulas, contos folclóricos, ideias, valores, sentimentos, fantasias, amores, ódios e saudades. Tal como no moderno projeto migratório de seus bisnetos e tataranetos no presente.

Assim, ainda que os descendentes não tenham vivido em uma Itália como a descrita pelos primeiros imigrantes e não tenham feito a viagem por mar, é necessário organizar símbolos e imagens em torno daquilo que faz sentido. Portanto, histórias escutadas na infância são traduzidas em símbolos que exponham a travessia, que façam a ligação de um mundo com outro – o mundo da infância e o hoje, a Itália dos ancestrais e a Itália vivida pelo entrevistado.

Destarte, é importante observar que outro símbolo é recorrente nos desenhos: a igreja. Apesar de estar na figura 2, desenhada por Antônio, ela está disposta centralmente, esse posicionamento também sugere interposição entre as situações. Na figuração de João (figura 3), o símbolo igreja é a única referência. Não há, aparentemente, nenhuma condição imagética que remeta à ideia de ligação.

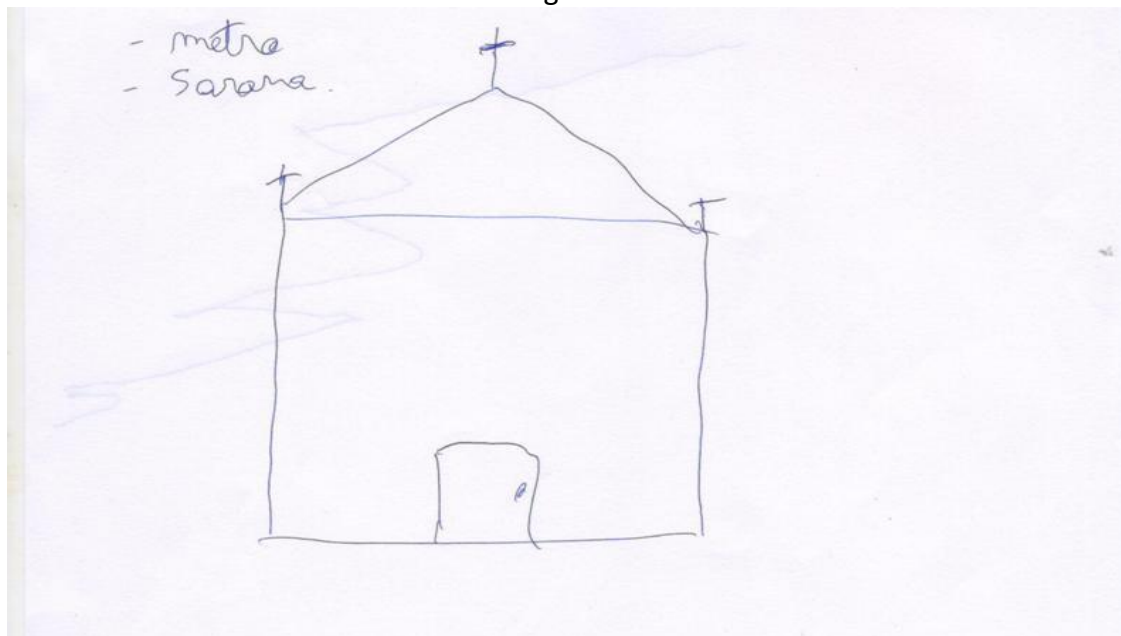
Todavia, é importante destacar a condição de refúgio, aconchego e proteção suscitada por este símbolo. Em geral, o assentamento dos imigrantes italianos no Espírito Santo foi marcado por diversas formas de sociabilidade, como trabalho, lazer e religião, entre outras, que se estruturavam tendo como suporte a família. Segundo Colbari (1997), “o trabalho e a vida social em torno da religião fundavam uma moralidade pautada por valores comunitários que se sobrepunham às pretensões individualistas”.¹⁴

A igreja para Antônio (figura 2) aparece como elemento de interposição; e para João (figura 3), identificador. É assim, simultaneamente, a condição de refúgio, aconchego e proteção que sintetiza a necessidade de amparo, expõe a condição de renúncia, denuncia o espaço

¹⁴ Colbari, 1997, p. 7.

social da crença, da fé e, conseqüentemente, se constitui como ligação – entre a terra natal e a terra dos antepassados.

Figura 3



Fonte: Pesquisa de Campo realizada pelas autoras em 2012.

Desse modo, aproximam-se contradições: proteção e abandono, fé e esperança, desejo e sofrimento. De tal forma, experiências prévias e valores traduzem o novo em imagem, que, por sua vez, espelha o contexto social no qual estão inseridos. É importante ressaltar: por meio da construção oral se pode aprofundar a leitura dos grafismos, embora a princípio pareça existir um distanciamento entre essas duas etapas da pesquisa – pois os símbolos utilizados são bastante pueris e até mesmo romanceados.

Entretanto, foi essa condição que possibilitou a percepção do modo construtor das visões dos entrevistados – ou a maneira, como assevera Jodelet (1984), que a objetivaram e a ancoraram. Portanto, como experiências prévias, reordenamento, naturalização e sentido são processados. Por conseguinte, aquilo que parecia contraditório passa a dar sentido ao objeto.

Objeto esse apresentado oralmente como um lugar que remete à dureza e trabalho. Nessa acepção, percebe-se que a experiência atribuidora de sentido é articulada no significado

atribuído à imigração – tanto do imigrante italiano, quanto do brasileiro. Experiência esta sintetizada na busca de melhores oportunidades, trabalho, perigos, dificuldades com a língua e dissonâncias entre o imaginário e o real, conforme retratam os depoimentos dos três entrevistados:

Foi uma coisa assim, meu esposo falou: “eu vou, vamos? Você vem depois?”. Tudo bem, aí sim você começa a imaginar... Como vai ser lá, né. Você não imagina uma vida de sacrifício, você pensa em conto de fadas mesmo, porque você vai pra fora, entendeu? Você não imagina que lá você tem que trabalhar quatorze horas por dia, você tem que acordar cedo, se você quiser você tem que estudar... Entendeu? E mesmo assim você não tem aquela valorização como você tem no seu país. (Eduarda).

... foram dias difíceis, porque... Até então eu não sabia falar italiano, não conhecia ninguém, não conhecia o país, e você sair do Brasil pra... Entrar na Europa sem conhecimento de nada é complicado. Então a maior dificuldade foi falar a língua e... ter alguém pra... te... dar um suporte... (João).

Eu imaginava na época dos meus avós, aquele povo acolhedor, né, a família unida como aqui no Brasil, cheguei lá conheci uma Itália totalmente rica, onde... não tanto fria como a Inglaterra e a Alemanha mas é um pouco distante, foi assim... Choque de culturas, eu estava já acostumado com meus avós aqui, né, cheguei lá foi totalmente diferente, a polenta que a gente comia aqui que era amarela, lá come a branca já industrial, não é aquela feita em casa... (Antônio).

Representações de uma terra e de (e/i)migrantes determinados. São eles trabalhadores organizados em grupos, em cooperativas, em redes de amigos ou de parentesco, em busca de melhores condições de vida em terras distantes, afeitos às intempéries econômicas e sociais, movidos por um sonho. Resignificados e alocados em um contexto de senso comum na história de ontem e na do presente.

Essas condições permitem ao (e/i)migrante conhecer e agir sobre o mundo de forma a atender às necessidades cotidianas e a reduzir os custos emocionais, construídos sobre figuras aparentemente desconexas, mas que podem ser organizadas sobre uma base

comum. No caso: consciência, atividade, identidade, trabalho e religiosidade. Dessa forma, os significados produzidos historicamente pelo grupo social adquirem, no âmbito do indivíduo, um sentido pessoal.

5. A guisa de conclusão

As narrativas e desenhos produzidos pelos entrevistados mostram que imagens, símbolos e discursos nos possibilitam aproximar os significados psicossociais. Tais significados constituem o conhecimento compartilhado socialmente do que é não só a Itália, mas também o processo (e/i)migratório. Nesse aspecto, esse estudo veio corroborar a ideia de que os conhecimentos partilhados e produzidos pelos *nonnos* e *nonnas* – cuja finalidade era conhecer e agir sobre o novo espaço imigrado de forma a atender àquelas necessidades cotidianas – infletem em outra direção e inserem-se nos universos dos entrevistados, estruturando visões, reproduzindo práticas e reafirmando desejos.

De modo tal, que reificam e consensualizam as novas realidades, reproduzindo o conceito de seus antepassados, traduzidos em imagens idilizadas e refletidas num sistema de pensamento que sustenta as mesmas práticas, mas agora, retocadas. No dizer de Moscovici (1976), dominada, interiorizada e própria. Assim, a história ouvida é representada, ou seja, símbolos, imagens e conceitos à semelhança dos antepassados são articulados para dar sentido a cada experiência imigratória tornando-a igual ontem e hoje.

Dessa maneira, há uma identificação e um zelo extraordinário em preservar uma representação de uma Itália idilizada, que são contraditórios e conflitantes com as experiências do roteiro (e/i)migratório. Contudo, tal ambivalência reflete os sonhos de uma geração que se sentia sem oportunidades em determinado período conjuntural do país. Sonhos que se oferecem à possibilidade de uma interpretação dialética, conforme Walter Benjamin. Esclarecendo, sobretudo, no rastro das narrativas e das imagens produzidas, a construção da representação de ser oriundo de imigrante italiano no Espírito Santo.

Tais representações sinalizam acerca da construção histórica de milhares de pessoas que vieram no século XIX construir a América, no Espírito Santo – que, por fim, os reconstruiu. De [Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com](#)

maneira a criar as narrativas que transmitiriam aos filhos, netos e bisnetos, orientando-os sobre o quê e de como falariam de suas vidas na Itália; mas, principalmente, com a mordida da representação, ensinariam sobre o quê e quando deveriam silenciar. Assim, na busca de encontrar as “origens” ou “raízes” – palavras dos entrevistados –, muita vez, as narrativas produzidas pelo sentimento coletivo guardado no baú da memória da trajetória dos imigrantes italianos levou-os a encontrar uma Itália desconhecida, jamais a terra idílica idealizada.

Referências

- ARRUDA, A. (2002). *Teoria das representações sociais e teorias de gênero. Cadernos de pesquisa*. n.117 novembro, pp.127-147.
- BENEDUZI, L. F. (2009). *Tramando lembranças: a entrevista como espaço de tessitura mnemônica da experiência imigratória*. Anais da ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História.
- BENJANIM, W. (1989). *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense. (Obras escolhidas; v. 3).
- _____. (2006). *As passagens*. Belo Horizonte: UFMG: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- BLOCH, E. (2005). *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Eduerj: Contraponto.
- CASTIGLIONI, A. (1989). *Migration, urbanisation et développement: le cas del'Espírito Santo – Brésil*. Buxelas: Ciaco.
- COLBARI, A. (2006). *Familismo e ética do trabalho: o legado dos imigrantes italianos para a cultura brasileira*. Revista Brasileira de História [online]. 1997, vol.17, no. 34 [citado 08 Fevereiro 2006], pp.53-74. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201881997000200003&lng=pt&nrm=iso - Acesso em 15.05.2013.
- DADALTO, M. C. e VILAÇA, A. (Org.) (2003). *Trajetória solidária do imigrante italiano no Espírito Santo*. Vitória: Textus.
- FAUSTO, B. (1997). *Negócios e ócios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FREUD, S. (1976). *Pequena coleção das obras de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- JODELET, D. (1984). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France.

KLEIN, H. S. (1999). "Migração internacional na história das Américas". In: FAUSTO, B. (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Editora da USP.

LEONTIEV, A. (2004). *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro.

MOSCOVICI, S. (1976). *La psychanalyse son image et son public*. 2. ed. Paris: PUF.

_____. (1984). "The phenomenon of social representations". In: FARR, R. M.; MOSCOVICI, S. (Orgs.). *Social representations*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (1988). *Notes towards a description of social representationsd*. European Journal of Social Psychology. vol. 18, Issue 3, July 1988, pp.211-250.

PASSERINI, L. (2011). *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz.

SAYAD, A. (1998). *A imigração*. São Paulo: Edusp.

_____. (2010). *La doble ausencia: de lãs ilusiones del emigrado a los padecimientos dele inmigrado*. Barcelona: Antropos.

TEDESCO, J. C. (2008). *Redes étnicas/informais e institucionais: controle imigratório de brasileiros para a Itália*. Fazendo Gênero 8: Corpo, violência e poder. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST65/Joao_carlos_tedesco_65.pdf - Acesso em 15.05.2013.

VERNANT, J. (2000). *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras.

WOODWARD, K. (2000). "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, pp.7-72.

Narrativas da imigração de retorno

Abstract: This article is constructed using Oral History methodology, with support in the Social Representation Theory. It is based on the narratives of the which testify of the history of the (e/i)migration present. The aim is to understand the new generation of the Italians descendants settlers in Espírito Santo State that did the double course: emigration to Italic Peninsula and come back to the native land. The analytical instrument the interviews and the imagetive production performed by means of drawings built by the informants. Conclude that there is one identification and extraordinary zeal to preserve the Representation of idyllic Italy, that is contradictory and conflicting with the experience of the (e/i)migration route.

Key-words: social representation; immigration; emigration; oral history

Resumen: La construcción de este artículo se teje a partir del método de la historia oral, con el apoyo de la Teoría de las Representaciones Sociales, cuyas narraciones basadas testimonio brasileño de la historia de esta (e/i)migración a Italia. El objetivo es entender la imaginación de las nuevas generaciones de descendientes de inmigrantes italianos se establecieron en el estado de Espírito Santo que hizo una doble jornada: la emigración de la península italiana y volver a su patria. Sus entrevistas de instrumentos de análisis y producción de imágenes, realizadas por dibujos construidos por los entrevistados. Llegamos a la conclusión de que hay una identificación y extraordinario afán de preservar la representación de un idilizada Italia, que es contradictoria y conflictiva con la experiencia de la escritura (e/i) migratoria.

Palabras clave: representaciones sociales; inmigración; emigración; historia oral.